

ALAN LIGHTMAN

Senhor D.

Tradução

Laura Teixeira Motta



Copyright © 2012 by Alan Lightman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Mr g

Capa

Rodrigo Maroja

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Ana Maria Barbosa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lightman, Alan

Senhor D. / Alan Lightman ; tradução de Laura Teixeira
Motta — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Mr g.

ISBN 978-85-359-2840-2

1. Evolução — Ficção 2. Ficção norte-americana 3. Universo
i. Título.

16-08274

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Tempo

Pelo que me lembro, eu tinha acabado de acordar de um cochilo quando decidi criar o universo.

Não acontecia muita coisa naquele tempo. Aliás, o tempo não existia. Nem o espaço. Quando você olhava para o Vazio, na verdade estava olhando para o seu pensamento, nada mais. E se tentasse imaginar vento, estrelas ou água, não conseguiria dar forma nem textura a suas ideias.

Essas coisas não existiam. Liso, áspero, ceroso, afiado, espinhento, quebradiço, nem mesmo qualidades assim tinham significado. Praticamente tudo dormia num infinito torpor de potencialidade. Eu sabia que era capaz de fazer o que quisesse. Mas é aí que estava o problema. Possibilidades ilimitadas geram indecisão ilimitada. Quando eu pensava nesta ou naquela criação específica, em dúvida sobre como cada coisa sairia, ficava nervoso e acabava dormindo de novo. Mas num dado momento consegui... Se não deixar as dúvidas de lado completamente, pelo menos arriscar.

Quase no mesmo instante, assim pareceu, minha Tia Pené-

lope me perguntou por que afinal eu queria fazer uma coisa dessas. Não estava contente com a vazieze tal como ela era? Sim, sim, eu disse, é claro, mas... Você vai arrumar confusão, avisou minha tia. Deixe Ele em paz, disse Tio Deva. Titio se aproximou com seus passinhos bambos e se pôs ao meu lado daquele seu jeito carinhoso. Por favor não me diga o que fazer, retrucou minha tia. Ela se virou para mim com um olhar duro. Sua cabeleira, despenteadas e embaraçadas como sempre, caía-lhe sobre os ombros avançados. E então?, ela intimou, e ficou à espera. Eu não gostava nada quando Tia Penélope me olhava feio. Acho que vou fazer, eu disse por fim. Foi a primeira decisão que tomei em eras de existência imensurável, e me agradou a sensação de ter decidido alguma coisa. Ou, melhor dizendo, de ter decidido que algo tinha de ser feito, que havia mudança à vista. Eu tinha escolhido substituir o nada por alguma coisa. Alguma coisa não é nada. Alguma coisa poderia ser qualquer coisa. Minha imaginação estava a mil. Dali por diante, haveria um futuro, um presente e um passado. Um passado com nada, e então um futuro com alguma coisa.

Eu tinha, portanto, acabado de criar o tempo. Mas não intencionalmente. Acontece que minha resolução de agir, de fazer coisas, de pôr fim à incessante ausência de eventos, requeria o tempo. Ao decidir criar alguma coisa, finquei uma seta no Vazio disforme e infinito, uma seta que apontava para o futuro. A partir de então existiriam um antes e um depois, um fluxo contínuo de acontecimentos sucessivos, um movimento que se afastava do passado em direção ao futuro. Em outras palavras, uma jornada através do tempo. O tempo necessariamente veio antes da luz e da escuridão, da matéria e da energia, e até do espaço. O tempo foi minha primeira criação.

Às vezes só notamos a ausência de uma coisa quando ela se faz presente. Com a invenção do tempo, acontecimentos que antes se fundiam num amontoado amorfo começaram a ganhar

forma. Agora cada evento podia ser envolto num invólucro de tempo que o separava de todos os demais eventos. Cada movimento, pensamento ou a mais insignificante ocorrência podiam ser ordenados e situados com exatidão no tempo. Por exemplo, percebi que eu tinha dormido por um longuíssimo tempo. E que, perto de mim — só que não sei dizer quão perto, pois ainda não tinha criado o espaço —, Tia Penélope e Tio Deva também tinham dormido, e seus roncos fortes subiam e desciam como sei lá o quê, e seus remeximentos aconteciam no tempo. E suas intermináveis reclamações agora podiam ser identificadas com os momentos de vigília, que daí em diante podiam ser definidos como os períodos entre um sono e outro. Recusei-me a pensar em quanto tempo eu havia perdido. Na verdade, todos tínhamos dormido numa aprazível espécie de amnésia, de desmaio, de inconsciência infinita. Não leváramos uma vida prazerosa de várias maneiras no Vazio desestruturado, irresponsáveis por nossas ações? Sim, irresponsáveis. Pois, sem o tempo, não podia haver reações às ações, nem consequências. Sem o tempo, não era preciso deliberar sobre as implicações e os efeitos das decisões. Tínhamos estado todos à deriva num confortável Vazio sem responsabilidades.

Minha tia, veja você, reclamou quando ficou evidente que agora estávamos cônscios do tempo. Eu disse que você iria arrumar confusão. Dardejou um olhar de censura contra meu tio, como se ele me houvesse incentivado a agir. E então deu início a um lamentoso resumo das várias coisas que ela tinha feito e deixado de fazer no passado imediato, depois no passado anterior e assim por diante, voltando e voltando pelos agora visíveis abismos do tempo, até meu tio implorar que parasse. Você não devia ter criado o passado e o futuro, ela disse. Éramos felizes aqui. Viu só? Agora tenho de dizer *éramos*, ao passo que antes... Ah, olha aí, de novo. Era mais agradável quando tudo acontecia simultanea-

mente. Não suporto pensar no futuro. Mas, Titia, a senhora não acha que temos alguma responsabilidade perante o futuro? Com todas as coisas e seres que eu posso vir a criar? Absurdo!, esganiçou-se Tia Penélope. Que argumento mais bobo. Você não tem responsabilidade por coisas que ainda não existem e que nunca existirão se guardar para si esses pensamentos grandes. Mas agora é tarde demais, ela continuou. Posso sentir o tempo. Posso sentir o futuro. Ela engrenara num dos seus faniquitos, e o Vazio se contorcia e pulsava com sua irritação. Suavemente, meu tio afagou-a. Pela primeira vez, ela reagiu ao contato dele. Sua agitação foi diminuindo. Logo depois, ela percebeu que precisava pentear o cabelo, e isso foi o começo de algo, quiçá para melhor.

O Vazio

O tempo gotejou em certos períodos e intervalos. Em outros momentos, jorrou à frente, arrojou-se no futuro, depois freou e voltou a gotejar devagarinho. Ao criar o tempo, eu não havia decidido se ele passaria uniformemente ou em arrancadas. Mas a questão era mais espinhosa. Como eu ainda não tinha criado os relógios, não era possível dizer o que constituía um passar do tempo regular ou em espasmos. Não havia nada para medi-lo. Talvez o movimento do tempo até fosse relativo ao observador. Ou, quem sabe, fosse apenas percepção. No princípio, só o que qualquer um de nós sabia com certeza era que o tempo passava. Eu não estava a fim de me comprometer logo de cara com uma ou outra possibilidade. Já tinha feito ponderações demais. Por isso, resolvi decidir a textura do tempo em alguma data futura.

Fosse o tempo regular ou espasmódico, sua criação já tinha alterado o Vazio. Antes do tempo, não nos movíamos pelo Vazio, no verdadeiro sentido da expressão. Seria mais acertado dizer que o vivenciávamos todo de uma vez. Melhor ainda, o Vazio se agarrava ao nosso ser, o Vazio continha nossos pensamentos, o

Vazio constituía o *nada* em contraste com o *algum* que existia. Depois do tempo, o Vazio continuou a ser infinito e imutável, só que agora podíamos viajar através dele, pensar nele, dizer que tínhamos estado em um lugar do Vazio num momento e em outro no momento seguinte. Não que o Vazio tivesse placas de sinalização ou marcadores designando localizações definidas — ele era perfeitamente uniforme, sem coisa alguma, sem forma —, mas entendíamos que essas localizações existiam em princípio e que podíamos passar de uma para outra no decorrer do tempo. E, muito embora no Vazio não existisse nada, absolutamente nada, em vários momentos era possível vislumbrar alguns aspectos sutíssimos: ligeiros babados, véus, umas estrias diáfanas, vales de coisa nenhuma que apareciam e desapareciam. Essas fugidias estruturas surgiam em meio às junções das muitas camadas de nada empilhadas umas sobre as outras, nos locais onde elas não se encaixavam com precisão. Se começássemos a nos mover na direção de alguma dessas topografias evanescentes, ela desaparecia num átimo, mas ainda assim possibilitaria uma rota de viagem momentânea, um destino fugaz, uma breve interrupção na total amorfia do Vazio.

Passei enormes faixas de tempo me deslocando pelo Vazio. Mesmo sem nada, o Vazio sempre me acenava com seus infinitos mananciais de possibilidades. Eu seguia demoradamente em certa direção através de vapores de vacuidade; de repente, decidia que queria explorar território novo, virava à direita ou à esquerda e seguia por um longo período noutra direção. De vez em quando, fazia meia-volta e retornava pelo mesmo caminho, viajando por durações descomunais através de um espaço vazio, depois outro e mais outro. Era comum eu não ter em vista nenhum destino específico e apenas obedecer a uma curiosidade natural de entender como o Vazio fora transformado pelo tempo. Às vezes, eu entrava num jogo comigo mesmo: fingia que estava perdi-

do e identificava minha posição não por um conhecimento inato, mas estimando quanto tempo eu tinha passado nas várias direções e fazendo cálculos geométricos. Numa ocasião, segui por uma trajetória espiralada de diâmetros crescentes, passando perto de lugares em que já tinha estado; na realidade, era a mesma vazieze, mas com mudanças infinitesimalmente sutis a cada repetição, minúsculas alterações no vácuo ensejadas pela passagem do tempo. Às vezes, eu parava e me punha a admirar a beleza silenciosa do Vazio, a serenidade, as infinitas pilastras e balaustradas de nada. Não era possível aferir a distância percorrida nessas minhas excursões, já que o espaço não existia, mas eu sabia que um tempo enorme havia passado. Em vários momentos, Titia ou Titio surgiam detrás de um torvelinho brumoso do Vazio, registrávamos a surpresa pelo nosso encontro, dizíamos “olá”, e cada um seguia seu caminho. Esses encontros fortuitos requeriam um antes e um depois, e nunca tinham acontecido antes da criação do tempo.

Posso dizer que as minhas longas jornadas pelo Vazio eram agradáveis. Eu gostava de estar em movimento, ir de um lugar a outro. Com isso, sentia maior intensidade da existência, do ser. E a vazieze tinha um jeito de se acumular à medida que eu viajava, as nuvens e os vapores de nada iam grudando em mim, mais e mais, e me davam a sensação de vestir um manto cada vez mais espesso de almofadas fofas. Com certeza eu tinha um vácuo total em que pensar. Uma vez que o Vazio era um nada total e absoluto, passei a preenchê-lo com meus pensamentos, e esses pensamentos serviam como uma espécie de poste de sinalização. Aqui foi onde tive a ideia da razão universal entre a circunferência e o diâmetro, o número π ; ali foi onde me ocorreu a noção de um espectro de cores. E assim por diante. O Vazio era um generoso receptáculo para meus pensamentos, era o meu playground de ideias.

E havia a música. O Vazio sempre vibrara com a música dos meus pensamentos; mas, antes da existência do tempo, a totalida-

de dos sons ocorria simultaneamente, como se milhares e milhares de notas fossem tocadas de uma vez só. Agora podíamos ouvir uma nota depois da outra, cascatas de som, arpejos e glissades. Podíamos ouvir melodias, ritmos e frases métricas congregando-se no tempo em deliciosos rebanhos de som. Binários, ternários, sincopações nos tempos fracos. Em nossos movimentos pelo espaço, todos nós — Tia Penélope, Tio Deva e eu — éramos hipnotizados pelos sons mais encantadores, as suaves, melódicas e entusiásticas oscilações do Vazio.

Boa parte da música eu engendrei a partir de uma escala com taxa fixa de frequências, geralmente $2^{1/12}$, pois as potências exponenciais desse número eram próximas das razões de integrais pequenos como 3:2 e 4:3. Os acordes baseados nessas escalas eram agradáveis de ouvir. Mas também fiz experimentos com razões de quarto de tom, razões não harmônicas e até com escalas de razões variáveis. Essas também produziam belas músicas, contanto que duas notas diferentes não soassem juntas. Variando a intensidade dos harmônicos de cada tom, eu criava uma variedade infinita de sons.

Em cada lugar e momento, estávamos envoltos, engolfados em música. Às vezes, a música irrompia em vagalhões impetuoso-s. Em outros casos, avançava em passinhos suavíssimos, delicada como um tênué véu no Vazio. A música aderia ao nosso ser como as porções da vaziezh haviam feito no passado. Ela entrava em nós. Eu tinha criado a música, mas agora a música criava; ela se elevava, se refazia e formava uma totalidade do ser.

Espaço

Eu tinha em mente uma porção de coisas que queria fazer. Mas, sem experiência com a materialidade, só podia pensar nessas coisas segundo suas funções ou qualidades: a quantificação do tempo, comunicação, luz, abrigo etc. Logo me cansei de abstrações. Queria tocar e sentir. Afinal, tinha dormido por muito tempo. Diria que também precisava de algo novo para me interessar, um desafio, talvez outros seres para me surpreender e me entreter. Minhas ideias, para invenções animadas e inanimadas, requeriam existência material, extensão, volume. E para isso eu precisava criar o espaço.

O espaço não apareceu de uma vez, e sim numa lânguida progressão, crescendo gradualmente em comprimento, largura e profundidade. (Experimentei vários números de dimensões. Duas me pareceram desnecessariamente confinantes, sufocantes mesmo, enquanto quatro ou mais achei um exagero, que além disso poderia facilitar a perda de objetos pequenos. Decidi começar com três.) Pelo que me lembro, o espaço surgiu numa minúscula bolha arredondada, imóvel na minha mente. Depois ela se

alongou um pouquinho emitindo um zumbido agudo. Por algum tempo, o universo foi um minúsculo elipsoide. Devagar, com uns ruídos impacientes, a largura e a profundidade começaram a alcançar o comprimento. A esfericidade restaurou-se. E então, com um suspiro e um ronco grave, as três dimensões começaram a se desenredar todas de uma vez e se espalharam aos trancos pelo Vazio.

Nascera o meu universo! No começo ele era pequenino, porém belo, uma linda esferazinha. Tinha as superfícies lisas e sedosas, mas infinitamente fortes. Cintilava. Girava de leve. E vibrava de energia. Descobri que não podia criar o espaço sem energia. Os dois eram ligados, como se um desse forma ao outro. A energia uivava, lutava para escapar daquelas paredes lisas e sedosas, mas não conseguia, pois as paredes continham tudo o que existia (exceto eu, Titia e Titio), e era matemática e tautologicamente impossível qualquer coisa lá dentro emergir no exterior. Somente o Vazio permanecia fora daquelas paredes. Em sua contínua batalha para escapar do inescapável, a energia fervia e pululava a uma temperatura feroz, distorcendo as paredes, espichava-as ora numa direção, ora noutra. Então, como que frustrada, ela começou a esticar o espaço por si mesma, dobrando diâmetros e circunferências, ângulos e curvas, contorcendo até a matemática do espaço. A geometria reagiu às violentas tensões e distorções emitindo seu próprio zumbido estridente, e as duas — energia e geometria — engalfinharam-se com um guincho penetrante: primeiro as mesas e terraços do espaço sobrepujando a energia pela força bruta, depois a energia revidando e remodelando a arquitetura do espaço. No desenrolar desse combate, a minúscula esfera que era o universo começou a inflar numa velocidade assustadora.

Tia Penélope, que num raro momento estava escovando os cabelos calmamente, foi derrubada pela esfera em expansão. Me

salve!, ela berrou para Tio Deva, fazendo um dramalhão como de costume. Titio a ajudou a se endireitar e se equilibrar. O que foi aquilo?, ela bradou. Que impertinência! E, sem agradecer ao meu tio, retirou-se pisando duro pelo Vazio. Mesmo depois de ela ter sumido por trás das dobras e pregas do vácuo, eu ouvia seus resmungos: o que será que Ele aprontou desta vez? Isso não tem fim, não tem fim. Não tem fim, isso. Não tem. Isso não tem fim...

Nesse meio-tempo, meu universo foi ficando cada vez maior. Uma vez criado, ele parecia decidido a engordar o máximo possível. Resolvi fazer outro. Esse eu espetei de leve no momento em que surgiu, uma picadinha de nada, para ver o que uma ligeira alteração poderia causar. A pequenina esfera começou a se expandir como o universo anterior, mas momentos depois a expansão estacou, pairou brevemente num equilíbrio efêmero, começou a se contrair, a minguar, e foi ficando cada vez menor até ser um ínfimo ponto. Por fim, com um estalinho, desapareceu. Adorei. Fiz outros universos. Em cada um, tentei uma variação. Em alguns, dei um empurrãozinho lateral. Em outros, aumentei um pouco o giro. Alguns eu espremi no momento exato da criação, para adicionar um tantinho de energia. Em outros cheguei a alterar o número de dimensões do espaço: quatro, sete, dezesseis, para ver o que poderia acontecer. E por que não tentar dimensões fracionárias, como 13,8? Alguns universos nunca chegaram a nascer, pois não puderam conciliar todas as condições iniciais. Alguns surgiram de súbito com uma energia assustadora, depois sumiram aos poucos. Uns permaneceram fraquinhos desde o início; outros dispararam pelo Vazio com trinados e vibratos agudíssimos. Um universo permaneceu constante em tamanho, mas girou cada vez mais rápido até se partir ao meio. Vários começaram a se expandir, depois se contraíram até quase desaparecer, hesitaram e tornaram a se expandir numa espécie de renascimento espumoso. E se puseram a repetir todo o

ciclo, expansão, contração, expansão, contração, e assim por diante, numa interminável série de nascimentos, destruições e renascimentos.

Depois de algum tempo havia um gigantesco número de universos em circulação, girando nos eixos, latejando e pulsando, expandindo-se e contraindo-se a uma velocidade fantástica. Minha tia andava sumida. Tio Deva, por mais que simpatizasse com minha iniciativa, tratara de se abrigar. Logo, como parecia quase inevitável, alguns dos universos começaram a colidir. Cada colisão produzia uma explosão tremenda e arremessava fragmentos de mundos através do Vazio, oscilando dimensões, fragmentando energias.

Eu me dei conta de que não tinha refletido bem sobre se devia fazer um universo ou muitos. Talvez eu devesse ter sido mais prudente. Um universo evitaria a possibilidade de colisões; por outro lado, poderia ser maçante. Um universo teria uma verdade. Muitos poderiam ter muitas verdades. Ambas as proposições tinham suas vantagens e desvantagens.

Sentei, me concentrei e comecei a ponderar a questão. Meditei. Tentei deixar que todos os pensamentos se esvaíssem da minha mente. Inspirei o Vazio, expirei o Vazio. Inspirei o Vazio, expirei o Vazio. Devagar, fui me acalmando. Uma paz permeou o Vazio. Titia e Titio apareceram como um par de pontinhos lúminosos dançando uma valsa, e uma paz desceu sobre eles também. E o Vazio serenou, suspirou e se deixou levar no tempo que passava. Inspirei, expirei e cheguei à decisão de que deveria existir apenas Um, um só universo, e a miríade de universos temporais que eu havia feito foi se desvanecendo, dissolveu-se, e o universo único permaneceu.

Então, enquanto meditava, decidi criar a física quântica. Eu era um aficionado da certeza da lógica e das definições claras, mas ainda assim sentia que as bordas nítidas da existência precisa-

vam de alguma suavidade. Eu queria um pouco de ambiguidade artística nas minhas criações, uma difusão deliberada. Talvez a física quântica tenha se inventado. Matematicamente, era deslumbrante. E sutil. Assim que criei a física quântica, todos os objetos — muito embora àquela altura só na minha mente existissem objetos — saíram em profusão e se avolumaram numa névoa de posição indefinida. Todas as certezas transformaram-se em probabilidades, e meus pensamentos bifurcaram-se em dualidades: sim e não, quebradiço e flexível, on e off. Dali por diante, as coisas poderiam estar aqui ou lá ao mesmo tempo. O Um tornou-se Muitos. E um grande manto macio de indeterminismo envolveu o Vazio. Minha respiração desacelerou-se até uma imperceptibilidade sonolenta. Prestando bastante atenção, eu podia ouvir um quatrilhão de tênues farfállhos e tinidos vindos de todo o Vazio, o som de novos universos aguardando a existência. Com a invenção do quantum, cada ponto do Vazio adquirira o potencial de se tornar um novo universo, e essa potencialidade não podia ser negada. Minha criação do tempo, e depois do espaço, tornara um universo possível. E essa possibilidade em si, aninhada na espuma quântica do Vazio, era suficiente para ensejar um número infinito de universos. Não demorou que novos universos estivessem novamente zunindo pelo vácuo. Reconsiderei minha decisão de que só deveria existir Um. Ou, para ser mais exato, minha criação da física quântica precisava dos Muitos. Perscrutando o Vazio, tentei encontrar meu universo original, o primeiro que eu fizera. Mas ele estava irremediavelmente perdido em meio aos bilhões e bilhões de outros em movimento, esferas pulsantes, elipsoides distendidos, cosmos giratórios esperneando de energia. O Vazio estremecia com estrondos e guinchos e estalos.

Dali a pouco, Tia Penélope saiu de seu esconderijo, Tio Deva também apareceu. Você andou bem ocupado, comentou Titio, fitando um pouco irritado os muitos universos à vista. Se

eu fosse você, não me apegaria a nenhum deles. Só iria se decepcionar. Tomei nota desse conselho. Eu já me afeiçoara muito a algumas das esferas em expansão.

Afinal, o que há nessas coisas?, perguntou Tia Penélope. Espaço, respondi. Ela bufou. Bem, já que agora temos espaço, eu gostaria de uma poltrona para me sentar, por gentileza. Estou em pé há muito tempo. Fiz então uma poltrona para Tia Penélope. Essa poltrona foi minha primeira criação de matéria. Tinha três pernas arqueadas e um encosto octogonal, e eu a projetei para que fosse confortável, mas não confortável demais. Titia sentou-se sem comentários.

Muito mais estava por vir. Eu queria fazer mais matéria. Queria fazer galáxias e estrelas. Queria fazer planetas. Queria fazer seres vivos e mentes. Mas por ora me sentei, meditei e contelei satisfeito os universos vazios, porém vibrantes, que havia criado.